

10000
2005

FAZENDA

É melhor você ir com o Fritz. O Marechal é muito ruim.

Pobre Marechal! Acabei dando um passeio com ele, e era na verdade muito ruim; preguiçoso, duro de boca, trotão. Dê-se trote incômodo saía para um galope curto e desconfortável; de chibata e espora, mão no freio, forcei sua marcha. Era dura e cansativa, e a qualquer descuido degenerava em trote ou galope. A culpa não era do bicho: tinha-no feito trabalhar mais de ano na carroça, coisa que não se deve fazer com um marechal.

Fritz é macio, de boa marcha, e seu único defeito é ser muito tropicador. Levo na garupa um menino da roça, saltamos na orla de um capão, a passarinhar. Entro no mato de botas, com esse medo de cobra que é o sinal ridículo do homem acostumado à cidade; o menino vai descalço. Quando me afasto dele, tenho prazer em andar sozinho na sombra verde, cheia de pios e zunidos; em algum lugar perto um córrego murmura. Vou quebrando galhos e afastando cipós: um arbusto tem alguma coisa de familiar que me chama a atenção: é um pé de café. Os grãos são pequenos e verdes; no chão há muitas mudas de um a dois palmos, nascidas de frutos caídos. O café sobreviveu apenas assim, guardado pelo mato que o envolveu, nesta velha fazenda fluminense que hoje é apenas de criação. Visito as instalações em ruínas, onde se beneficiava o café e se fazia açúcar e cachaça. As senzalas eram aqui, formando um quadrado com a casa grande: no imenso forno era feito pão para sessenta famílias. Jogados a um canto, entre vassouras e tiriricas, velhos ferros de prender escravo. Ando pelas salas imensas; há uma tristeza surda no casarão onde outrora soaram as botas do senhor e do feitor, na varanda dos fundos onde as moças com certeza tinham conversar de tarde.

Leio histórias de Vassouras, Valença, antigas fazendas, vejo fotografias de grupos de famílias com homens barbudos, já visitei velhas salas de visita conservadas como eram, folhei albuns, espiei ruínas — e toda essa nobreza fundada apenas no trabalho dos pretos, toda essa civilização morta, com suas grandezas e seus precários requintes me dá apenas desgosto, melancolia. O encanto de suas iaíás e os gestos de seus barões se perdem na torva banalidade da longa escravatura. E como ainda estamos perto de tudo isso, dessa rotina torpe do cativo, como é recente e pesado esse passado do Brasil, como tudo é opressor, os muros, os ferros, as gordas igrejas barrôcas, as pedras, o barro das taibas e adobes!

Durmo na rede; lá fora, na goiabeira, uma cambaxirra canta.

5/3/54 R. B.

Go 22.9.61
CM 5.3.54
M 679
DN 12.10.69